

Carlos Vergara

Cinco carnavais,

Fotos da Série Carnaval, Anos 70

(Cacique de Ramos, Carnaval e Hotel Primor), 1972-76

Impressão fotográfica

Devemos abandonar o final do ano como referência da passagem do tempo, propõe o artista: alterná-lo pela passagem do carnaval ou pela lembrança de um samba enredo, mais do que o último dos dias de um ano. O título que reúne estas cinco fotografias ecoa o impulso político de celebração que encontramos neste depoimento de Carlos Vergara quando perguntado sobre a temporalidade, em entrevista concedida ao crítico Paulo Sérgio Duarte, no livro *Rio de Janeiro, 1972-76*. A série Carnaval (1972-76) reúne os cinco anos em que a linguagem fotográfica¹ e, mais especificamente, a fotografia dos blocos de rua no centro da cidade e subúrbio carioca torna-se prática central na produção do artista. No depoimento fala sobre um desejo de *olhar para fora*, que o crítico fricciona no ato de *olhar para dentro*². O carnaval dos anos posteriores ao AI-5 é adjetivado pelo artista como comunitário, menos profissional e comercializado. Suas frases apontam para o que as imagens revelam: a potência dos corpos ocupando o espaço público em comunhão carnal. "Menos de um antropólogo amador, uma coisa mais onírica, do delírio", confirma Vergara.

São quatro fotos retangulares que, sem margens, estouram. Um susto, o artista revela. É uma composição de negativos revelados em preto e branco combinados a blocos geométricos nas cores preta e branca, da série que documentava o Hotel Primor e as travestis e transexuais do Centro do Rio de Janeiro, que lá frequentavam, capturadas em momento de celebração e desbunde. Do lado direito desta foto, em tons mais azulados, percebe-se em meio à escala de cinza um saco de plástico. O material em pé não se parece com os pigmentos abundantes até hoje no ateliê do artista, que investe cotidianamente na expansão da pintura. Nem mesmo com a cor e a matéria que ficam impregnados nas bocas dos fornos registrados por Carlos Vergara em suas monotipias. A lente da câmera penetra o plástico e percebemos que trata-se de um punhado brilhoso, trata-se mesmo de pigmento: purpurina.

Sobre o Carnaval de rua. valoriza o momento em que os profissionais deixam o centro da cidade, que é tomada de manifestações populares de toda ordem. "O morro desce, o subúrbio vai para o Centro, de caminhão, de ônibus, de trem e você tem então manifestações populares irônicas e críticas. [...]". No depoimento, ressalta a conhecida foto dos homens com a palavra PODER escrita em cor branca sobre a pele negra. E relembra sua fascinação pelo Cacique de Ramos: "Sete mil pessoas que escolhem se tornar iguais, num evento que incentiva a exacerbação da individualidade. Eles escolhem se tornar um coletivo. Dos sete mil, sou um. Todos são caciques".

Carlos Vergara (Santa Maria, 1941) iniciou sua investigação artística em meio aos anos 1960, período de resistência à ditadura militar. Em 1965, participou da mostra Opinião 65, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, um marco na história da arte brasileira, ao evidenciar tenacidade crítica de uma geração de artistas diante da realidade social e política da época. A partir desta exposição se formou a Nova Figuração Brasileira, movimento que Vergara integrou junto a outros artistas, como Antônio Dias e Rubens Gerchmann – fundador da Escola de Artes Visuais do Parque Lage. Nos anos 70, seu trabalho passou por grandes transformações e começou a conquistar espaço próprio na história da arte brasileira, principalmente com fotografias e instalações, em que destaca-se um vocabulário de materiais. que vai do papelão e papel kraft, às superfícies acrílicas, materiais de plasticidade não convencional e caráter cotidiano. Desde os anos 80, pinturas e monotipias têm sido o cerne de um percurso de experimentações. Participou da 1ª Bienal do Mercosul, das 18ª e 20ª Bienais de São Paulo, da 39ª Bienal de Veneza e sua obra faz parte da coleção do Instituto Inhotim, do MAM - Museu de Arte Moderna de São Paulo, do Museu de Arte Contemporânea de Niterói, entre outras. Em 2016, propôs uma nova versão de sua proposição nos Domingos da Criação (MAM-RJ, 1971) nas Cavalariças da EAV Parque Lage para o programa Jornadas de Outubro, voltado a crianças de todas as idades.

¹ A crítica Glória Ferreira, no texto Riscos e chances (2010), propõe uma chave interessante para pensarmos duas relações de Carlos Vergara com a fotografia: se nas fotos dos carnavais comunitários revela-se o caráter instrumental da fotografia, a partir da ideia de documentação, na série de pinturas e desenhos sobre o Carnaval (1970, anteriores às fotos) aparece a ideia de uma linguagem fotográfica, mesmo que empreendida por meio da pintura. Vale também relacionar o grande desenho exposto em um rolo de papel kraft, uma pintura crua, que dá a ver o seu fundo: um material corriqueiro, um papel que poderia ser embrulho ou embalagem, que orbita no vocabulário de trabalhos de Vergara, como na série de vitrines (instalações site-specific) em papelão, para a companhia Varig.

² Paulo Sérgio Duarte comenta a série de viagens que o artista faz pelo Brasil do interior como este *dentro*: na busca pela terra avermelhada das missões jesuítas, na areia colorida das garrafas do Ceará, na cerâmica de Juazeiro ou na foz do Rio Doce, no Espírito Santo, para citar algumas de suas expedições.

Ulisses Carrilho